

URBANO TAVARES RODRIGUES

URBANO TAVARES RODRIGUES

O TEMA DA MORTE

# O TEMA DA MORTE

Ensaio



A MORTE DE NARCISO-GOLDMUNDO

SÓ depois de ter vivido as alegrias e as dores de todas as paixões, depois de ter experimentado o amor, a luxúria, a fome, a peste, a guerra, o crime, o medo e a coragem, o egoísmo e a abnegação, depois de haver explorado a carne e o espírito de inúmeras mulheres — habitado por uma ânsia de ilimitação, mesmo na entrega mais veemente — só então Goldmundo logra materializar numa obra de arte o seu ideal de beleza: esse rosto de uma virgem, que é a síntese maravilhosa de tudo o que ele amou, de todas essas mulheres que desvendou, a quem fez sofrer e por quem sofreu, para as conhecer, e até do sol e da lua, das florestas e do vento, porque semelhante rosto será, em última análise, uma imagem da totalidade e para a totalidade

tende todo o misticismo estético de Hermann Hesse.

Sendo, aliás, como o é, quase toda a sua obra um longo diálogo interior entre os duplos, em «Narciso e Goldmundo» Hesse encarna nas duas personagens, que exprimem os elementos apolíneo e dionisiaco, ou mais precisamente, o intelectual Narciso a dignidade da solidão e da reserva, as satisfações do ensimesmamento e a escuridão das suas funduras; o intuitivo Goldmundo o entusiasmo, a vertigem da sensação, a procura do belo pela experiência exterior, a busca inconsciente da infância perdida, o regresso à origem.

Nesse grande afresco da Idade Média que é o romance «Narciso e Goldmundo», não há qualquer veleidade de reconstituição arqueológica, mas antes um palpitante bosque de símbolos, ao mesmo tempo que uma aprendizagem da vida e a descoberta dos mecanismos do pensamento e da arte, enfim reunidos na conjunção das existências paralelas, porém tão distantes, do frade e do escultor. A própria biografia de Hermann Hesse apresenta traços comuns com a dupla experiência de Narciso e Goldmundo. Destinado pelos pais à carreira teológica, Hesse

fez os seus estudos nos seminários de Maulbronn e de Tubinga. Se é certo que não teve a vida errante de Goldmundo, o seu temperamento paradoxal apetecia tanto a glória dos sentidos como o retiro, as cinzas e os veludos da interioridade, com o seu orgulho, os seus pélagos sombrios. Mas num e noutro «modo» tentando sempre realizar a personalidade livre e autêntica, e capaz de se ver sem se mirar, de se julgar sem comprazimento. É dessa dualidade, com o seu consequente apetite de unidade, que nasce a força da obra de Hermann Hesse, em que a amizade viril (e através dela a dialéctica dos contrários) desempenha um papel primordial, superado pelo desdobramento do «eu» em «Ele e o Outro» («Klein und Wagner»).

Certas ideias mestras insistentemente se repetem na sua novelística, que pretende apresentar-nos sempre, em acção e em reflexão, as chaves da existência. Tal o motivo da morte na água, com o seu significado de retorno à mãe, da qual sobretudo o artista, aquele que força as portas do mistério pelo conhecimento sensível, nunca se aparta — e por isso torna as obscuras exigências da carne em beleza, em esclarecimento do que existe.

Marcado desde muito jovem pela sabedoria oriental e pela atmosfera pietista da sua ascendência de pastores protestantes, depois pela sua visita à Índia, facilmente se explica o seu pacifismo durante a guerra de 1914-18, que lhe valeu as primeiras perseguições nessa Alemanha de que ele, entretanto, representa, mau grado o pudor e a ironia latentes em tantas das suas mais delicadas e lúcidas páginas, o melhor espírito romântico, com tudo o que implica de imensidade de aspirações. Por isso «Demian» é um dos romances mais formosos e mais europeus do nosso século e o Nobel premiou com inteira justiça a obra romanesca de Hermann Hesse.

Inteiramente cômico da «importância das vozes discordantes», o autor de «Peter Carmenzind» previu, com náusea e pavor, os desmedimentos do hitlerismo, os seus atentados à liberdade. Testemunho dessa sua atitude são alguns dos artigos de «Frieden und Krieg». Durante o regime nazi, os escritos de Hermann Hesse foram proibidos na Alemanha e impressos na Suíça, onde de há muito ele habitava, tendo acabado por adoptar a nacionalidade helvética. Não obstante, nada mais alemão, no bom sentido, como obra de cultura, do que a sua fantástica «Viagem

no Oriente», impregnada toda ela desse amor do mágico tão caro à psique germânica e onde, na interpretação da vida e do sonho, se dão as mãos, em inesperada farândola, figuras da mitologia e da literatura de que ele próprio provém, desde Heinrich von Ofterlingen ao alquimista Lindhorst, até às criações da sua própria mente, que à beira dele permanecem para além do romance conclusivo.

A interdependência de todas as coisas em relação ao cosmos é talvez a cúpula da ficção, não muito extensa, de Hermann Hesse, graduada e sintonizada em esforço de procura e revelação. Da disponibilidade de Goldmundo, da tensão de Klein em busca de um «si» não atraído, do choque de ambos com um elemento água-mãe-paz tira-se a dupla lição de uma conquista poética, frustrada ou não, de unidade — até de re-união —, e de libertação do indivíduo, de assumpção de uma autenticidade comprometida.

Sempre, de resto, Hermann Hesse, individualista à *Voutrance*, se opôs ao aniquilamento do homem, apresentando, contra o carneirismo que submergiu a Alemanha dos anos 30 e 40, a consciência de si, o *Eigensinn*, suprema virtude, no seu ver, que só escuta e respeita o «si».

Não quis Hermann Hesse, após a guerra que derruiu os valores anti-humanos do nazismo, tomar posições políticas, nem optou por qualquer das Alemanhas divididas. Confinado, porém, na sua arte e defendendo do mundo a sua intimidade, permaneceu, até ao fim, Narciso-Goldmundo, velador da beleza como descoberta pessoal, encontro com as fontes genesíacas e participação no sublime — solidário entanto que solitário, como poderia dizer Albert Camus, seu parente de espírito.

## ACTUALIDADE DO «DECAMERON»

*retrato colectivo de uma época  
em transformação*

e ao cárcere), identifica-se harmoniosamente com uma obra forte e civilizada, que vai integrar-se na grande tradição realista que une a Celestina a Goya e a Picasso, vai permanecer por muitos e muitos anos, como exemplo de altura intelectual, de dominada coragem, de aguda e viril beleza, cruel, sem complacência, sem narcisismo, espanhola até à medula.

## ÍNDICE

	Pág.
O Tema da morte na moderna poesia portuguesa	7
O sentido da morte na obra de André Malraux	45
Teixeira Gomes ficcionista à luz de hoje . . . . .	55
Teixeira Gomes e a fantástica cidade do Porto . .	65
Aquilino Ribeiro e a integração do homem na natureza . . . . .	75
O papel do escritor na sociedade . . . . .	83
Jean-Jacques Rousseau e a sua obra a 250 anos de distância . . . . .	93
A morte de Narciso-Goldmundo . . . . .	105
Actualidade do «Decameron» . . . . .	113
Sobre os romances de Michel Butor . . . . .	125
À procura de uma impossível identidade . . . . .	133
Apontamentos e confissões . . . . .	139
Luís Martin-Santos e «Tiempo de Silencio» . . .	155